

UCRÂNIA: ESCALADA SUICIDA

Por Jean-Luc Baslé*



Vladimir Smirnov/Getty Images.

A guerra na Ucrânia é existencial para a Rússia e hegemônica para os EUA; nenhum dos adversários pode perdê-la, e por isso mesmo pode levar a uma catástrofe sem precedentes.

O destino das armas é desfavorável para a Ucrânia. A derrota está escrita nos fatos. A preocupação dos ocidentais se reflete em seus comentários. Segundo Richard Haass, presidente honorário do Council on Foreign Relations, a Ucrânia deveria atacar o território da Rússia e negociar um cessar-fogo com Moscou, o que parece um tanto contraditório. Longe de trazer os russos à mesa de negociações, esses ataques irão gerar uma reação ainda mais violenta porque os russos conhecem a origem dos mísseis utilizados.

O conselheiro de Segurança Nacional dos EUA, Jake Sullivan, quer que a Ucrânia lance uma contraofensiva. Esta proposta não é realista levando em conta o estado do Exército ucraniano. Esta preocupação americana beira o pânico na Europa, onde o primeiro-ministro eslovaco, Robert Fico, foi vítima de um atentado devido à sua decisão de deixar de financiar a Ucrânia.

Igualmente grave, mas em outro registro, a mídia continua a alarmar a opinião pública sobre uma invasão da Europa – uma invasão que se seguiria à derrota da Ucrânia. A Rússia não tem intenção e nem meios para invadir a Europa. Em dezembro de 2021, Moscou enviou um projeto de arquitetura de paz europeia a Washington e Bruxelas. Os ocidentais tiveram o cuidado de não dar seguimento a

ela. Quanto à Ucrânia, conhecemos os objetivos russos: desmilitarização, desnazificação e neutralidade¹.

Esses rumores infundados de guerra e invasão criam um clima que provoca ansiedade e pressagia um futuro cataclísmico. Frente a estes acontecimentos, a questão que se coloca é: como evoluirá o conflito? A resposta está na política externa dos EUA.

PRIORIDADE PARA ARMAS ATÔMICAS

Primeiros detentores de armas atômicas desde agosto de 1945, não dispostos a sacrificar os “boys” em uma guerra com a União Soviética e conscientes do custo de manter um exército comparável ao do Exército Vermelho, os Estados Unidos deram prioridade às armas atômicas no final da Segunda Guerra Mundial. É por isso que em uma guerra convencional na Ucrânia, o Exército americano seria exterminado, algo que os militares sabem, mas que os políticos ignoram porque estão “privados de qualquer sentido de realidade”². Os “boys” não serão, portanto, enviados para a Ucrânia, especialmente porque o público americano teria dificuldade em compreender o que seus filhos ou netos fariam em um país distante. Após a retirada humilhante do Afeganistão e a retirada igualmente humilhante mas menos publicitada do Níger, uma derrota na Ucrânia seria um desastre para o Império americano – um desastre a ser evitado a qualquer custo.

DOMÍNIO DA ESCALADA

Uma opinião amplamente difundida é que a superioridade nuclear americana nunca fez parte da sua panóplia diplomática. Esta opinião é contrariada pelos fatos. Uma entrevista com Richard Nixon publicada na revista *Time* em julho de 1985 confirma isso. O presidente lembra que esta arma desempenhou papel decisivo na Coreia, na crise de Suez de 1956 e na de Berlim em 1959. Ele considerou utilizá-la durante a guerra árabe-israelense em 1973³. Os Estados Unidos ameaçaram frequentemente nações do Terceiro Mundo com armas atômicas, a fim de obter sua lealdade. Os americanos chamam esta política de Domínio da Escalada. Baseia-se em parte em uma escalada de violência e em parte no blefe, como o que Adolf Hitler fez na Renânia ou na Tchecoslováquia – esta é a “Estratégia da Ambiguidade”⁴, também conhecida como a expressão: “Teoria do Louco” (*Madman*) quando Richard Nixon a usou no Vietnã.

Os Estados Unidos têm capacidade de escalar um conflito ao mais alto nível de violência, ou seja, à guerra nuclear. Sendo este exercício potencialmente suicida, os líderes americanos encontraram a solução na miniaturização das armas nucleares e na estratégia da ambiguidade. Os líderes americanos ameaçam a nação

¹ Discurso do presidente da Federação Russa, 24 de fevereiro de 2022.

² “L’armée américaine serait anéantie en Ukraine”, *La Cause du Peuple*, 10 de maio de 2024.

³ *To win a nuclear war*, p. 7.

⁴ Gilles Andréani, professor afiliado à Sciences Po, defende este método num artigo recente intitulado: “Ukraine, troupes au sol, ambigüité stratégique: il faut mettre fin à la désunion occidentale”, *Telos*, 22 de maio de 2024.

recalcitrante com o uso das chamadas armas nucleares convencionais, suficientes para enfraquecer a nação sem apagá-la do mapa. A atitude aparentemente irracional dos líderes americanos traumatiza os líderes nacionais, que cedem à chantagem.

PRAGMATISMO AMERICANO

Na visão geopolítica americana, os tratados de não-proliferação nuclear (TNP), aclamados pela mídia como um avanço para uma paz duradoura, são apenas acessórios, rejeitados assim que interferem nos objetivos do império. Assim, George W. Bush retirou-se do tratado antibalístico de maio de 1972 para instalar mísseis antibalísticos na Romênia, alegando que desencorajariam o Irã de atacar seus vizinhos, enquanto o seu objetivo é destruir os mísseis balísticos russos na Romênia em caso de conflito nuclear.

Da mesma forma, Donald Trump denunciou o Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INF) de dezembro de 1987, a fim de colocar tais mísseis em torno da China⁵. É claro que nem russos e nem chineses são enganados por estas táticas. Tendo em conta estes acontecimentos, é lógico pensar que Washington considerou a utilização de armas nucleares na Ucrânia.

GUERRA NAS ESTRELAS

Os Estados Unidos têm uma espada e um escudo, isto é, mísseis intercontinentais e satélites. Enquanto os primeiros pretendem destruir as bases nucleares russas em um primeiro ataque, os últimos pretendem contrapor a reação russa, destruindo seus mísseis na decolagem. Apresentado como arma defensiva por Ronald Reagan em março de 1983, este sistema de satélites, popularmente conhecido como “Star Wars”, é na verdade uma arma ofensiva que protege os EUA de um contra-ataque russo.

Torna, portanto, possível prever um primeiro ataque que colocaria fim ao conflito, destruindo a Rússia. Tal vitória teria um custo humano. Aproximadamente 30 milhões de americanos seriam mortos porque o sistema de satélites, por mais eficaz que fosse, não destruiria todos os mísseis russos lançados em resposta ao ataque americano. O número de 30 milhões de mortes é considerado aceitável pelos especialistas⁶.

Não tendo um “escudo” e conhecendo as intenções americanas, os russos só podem ser tentados a atacar primeiro. Qual é a linha vermelha a não ser ultrapassada que justificaria esta decisão, se fosse tomada pelo Ocidente? Neste ponto do conflito, o risco de conflagração é elevado. O Ocidente subestima a determinação russa em alcançar seus objetivos. Os MiG-31 e MiG-35, equipados com mísseis hipersônicos Kinzhal que transportam bombas nucleares de cinco

⁵ “With allies, the U.S. builds a military arc”, *New York Times*, 16 de maio de 2024.

⁶ *To win a nuclear war*, p. 23.

quilotons, conduziram recentemente exercícios de treinamento perto da fronteira com a Ucrânia, enviando assim uma mensagem ao Ocidente.

ORIGENS DO CONFLITO

A guerra na Ucrânia não começou em fevereiro de 2014, como escrevem os meios de comunicação, mas em outubro de 1853, quando uma coligação liderada pelos britânicos se opôs ao expansionismo russo. Surgiu então uma rivalidade entre dois impérios que o surgimento de um terceiro atenuou durante a Primeira Guerra Mundial. A rivalidade era profunda. A situação foi exacerbada pelos escritos de um geógrafo, Halford Mackinder, que em 1904 acreditava ter visto no desenvolvimento de uma ferrovia um fortalecimento do poderio russo que prejudicaria o Império Britânico.

O império americano, que suplantou o império britânico em 1945, adotou esta visão de mundo – uma visão que implicava subjugar a União Soviética. A rivalidade entre estes dois impérios, anunciada por Alexis de Tocqueville em 1840, não tem razão de existir. A ferrovia que tanto preocupava Mackinder poderia ser uma ligação entre os Estados Unidos e a Rússia, como explica William Gilpin em um livro publicado em 1890: *The Cosmopolitan Railway*. Uma ferrovia ligando os Estados Unidos à Rússia beneficiaria ambas as nações. O vice-presidente dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial, Henry Wallace, aderiu a esta teoria à qual Franklin Roosevelt não foi indiferente. Quis o destino que Roosevelt morresse cedo demais e a convenção democrata preferisse Harry Truman a Henry Wallace.

UM CONFLITO APOCALÍPTICO

Este conflito entre o Oriente e o Ocidente não parou desde 1853 e explica em parte a guerra na Ucrânia. O senador Lindsay Graham, que aconselha Israel a lançar bombas nucleares sobre Gaza⁷, poderia terminar seus discursos com esta famosa frase que concluía os de Catão, o Censor, há dois mil e duzentos anos: “e Cartago será destruída”, exceto que já não se trata de Cartago, mas de Moscou. Este é todo o significado da guerra na Ucrânia – uma guerra cuja natureza dita o resultado. Sua conduta escapa aos protagonistas.

Do ponto de vista russo, a guerra na Ucrânia é uma guerra civilizacional. Uma derrota significaria o desmembramento da Rússia e seu desaparecimento do mapa mundial – inaceitável para a elite russa⁸. Do ponto de vista americano, a guerra na Ucrânia é uma guerra hegemônica cujo objetivo é a dominação mundial. Uma derrota americana significaria o fim deste sonho – inaceitável para os neoconservadores⁹.

⁷ “Un sénateur américain dit qu’Israël devrait larguer des bombes nucléaires sur Gaza”, *Greenville Post*, 14 de maio de 2024.

⁸ Discurso de Vladimir Putin em 21 de setembro de 2022 e conferência de imprensa de Sergey Lavrov em 18 de maio de 2024.

⁹ Henry R. Luce, “The American Century”, revista *Life*, 17 de fevereiro de 1941; Paul Wolfowitz, “Defense Planning Guidance”, fevereiro de 1992; “Project for a new American Century”, Robert Kagan et al., 1997.

Uma guerra que nenhum adversário pode perder. Na ausência de autoridade moral, política ou religiosa, ou de um acontecimento fortuito capaz de lhe pôr fim, esta guerra anuncia o fim dos tempos. Em 1946, Albert Einstein declarou que o átomo tinha mudado tudo, exceto a nossa forma de pensar, e que, como resultado, estávamos caminhando para uma catástrofe sem precedentes.

Publicado no [Cf2R](#).

**Jean-Luc Baslé é ex-diretor do Citigroup New York e autor de "L'Euro survivra-t-il?" (2016) e de "The International Monetary System: Challenges and Perspectives" (1982).*
